

ALGUMAS FIGURAS NÃO ENTRARAM PARA A HISTÓRIA

Oyama de Alencar Ramalho

Isaias Pessoti é hábil em desenterrar defuntos importantes. No seu ofício de pesquisador (devo dizer que é também um vigoroso romancista¹) traz à baila nomes de pessoas pouco conhecidas, ligadas a determinados assuntos. Na sua obra *Pré-história do Condicionamento* (São Paulo: HUCITEC, 1976), faz uma interessante incursão no passado documentado de onde surgem dezenas de autores. Tudo, no entanto, para se chegar a dois nomes: Ivan Petrovich Pavlov e Burrhus Frederic Skinner.

Sem entrar em detalhes, o primeiro verificou que um estímulo neutro emparelhado com um estímulo incondicionado, eliciador de respostas fisiológicas, adquiria o poder de eliciar as mesmas respostas. Esse tipo de condicionamento ficou conhecido como pavloviano, clássico ou respondente e em 1904, o cientista russo recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em função de suas pesquisas sobre a fisiologia da digestão.

Hoje, “qualquer” pessoa de mediana escolaridade já ouviu falar dos experimentos de Pavlov e alguns mais atentos já conseguiram identificar na vida cotidiana alguns

¹ Vide: *Aqueles Malditos Cães de Arquelau* (1993), *O Manuscrito de Mediavilla* (1995) e *A Lua da Verdade* (1997), todos da Editora 34, São Paulo.

comportamentos do tipo: — *Na hora em que se está passando bife, na afastada cozinha, aquele cheiro me enche a boca de saliva e me dá um nó da garganta.*

Como a formulação de Pavlov adveio da experimentação, sua validade pode ser verificada sempre que se replicar a mesma experimentação e a utilidade do princípio está disponível no presente e estará disponível no futuro. O que se passou provavelmente se passou segundo o modelo proposto e por isso ousou dizer que algum egípcio, fenício ou etrusco que não entrou para a História possa ter pronunciado uma frase sobre salivação e nó na garganta, enquanto aguardava a fritura de algo que, mais tarde, foi denominado quibe.

Outros estudiosos que tentaram explicar as respostas não-eliciáveis do organismo, de acordo com o modelo pavloviano, não tiveram o mesmo sucesso. Perderam-se no mentalismo.

Coube a Skinner, apesar dos vários precursores, o mérito de equacionar o condicionamento das respostas não-eliciáveis. Agora, o estímulo antecedente não é eliciador de comportamento, mas junto com outro, conseqüente à resposta, forma o que se conhece por contingência de três termos. Embora não tenha sido agraciado com o Prêmio Nobel, o cientista norte-americano tornou-se um divisor de águas na Ciência do Comportamento e entrou para a História.

Repassando esse assunto, veio-me uma questão intrigante sobre o aguilhão, a aguilhada, a vara de aguilhão, a vara de ferrão ou o chuço que tem a mesma etimologia da palavra estímulo.

Registra o Houaiss: Aguilhão — *vara com ponta de ferro afiada, us. para tanger bois; aguilhada* (datação 1231).

No *Glossário*, construído por Ivan Cavalcanti Proença e José Américo de Almeida, referente ao livro deste último, *A Bagaceira*², publicado em 1928, encontra-se a definição de *Vara de ferrão — vara comprida para tanger bois (com um ferrão na ponta): aguilhada* — e a seguinte passagem:

Era um clamor assim como um trovão enfunado.

Soledade correu ao engenho e pôs as mãos na cabeça:

— Mas que judiação!

A moagem parada.

Dagoberto não tivera dúvida: amontoara a palha seca debaixo da barriga do chamurro empacado e tocara fogo. Queria ver se não puxava. Era para amansar...

Assado vivo, o boi teimoso soltava uns urros lamentosos e sacudia os chifres encorreados.

Mas davam-lhe com o chiqueirador nas ventas que era a parte mais sensível. E às recuadas, ele torcia os quartos, num berreiro que já não era mugido, mas um uivo formidável.

Todo o banguê rangia.

E chegavam-lhe ainda o ferrão para ir a ferro e fogo.

² Rio: Círculo do Livro, 1980.

Guimarães Rosa, em *Sagarana*³, obra de 1946, no conto *Conversa de Bois*, há inúmeras menções como as seguintes “falas” dos bois de um carro:

— (...) O homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta está trepado no chifre do carro... (...)

—(...) O homem está dormindo, assentado bem na ponta do carro... O pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta também está dormindo... Por isso é que ele parou de picar a gente. (...)



Aguilhão simples – Foto do autor – fev. 2012

Outros exemplos certamente há na literatura, até com o detalhe ao qual quero chegar. É que algum carreiro, — não sei quando, se antes ou depois de 1938 —, arranjou umas argolas na ponta da vara de aguilhão, de modo que fazem um tilintar antes da

³ Rio: Record, 1984.

ferroada. Depois, basta tilintar as argolas que o boi faz o movimento desejado pelo carreiro. Assim está no elaborado site

www.widesoft.com.br/users/pcastro1/carrodeboi.htm

uma definição de *vara de ferrão* — *vara com um ferrão e argolas que o carreiro utiliza para conduzir o carro. As argolas com seu tilintar são suficientes para os bois entenderem as ordens, mas quando necessário levam umas físgadas com o ferrão. Dizem que o bom carreiro não usa o ferro, só o barulho das argolas.*



Aguilhão com argolas – Foto do autor – fev. 2012

Conferi com Néilson Andrade, de Ibitutinga, competente fazedor de varas de ferrão, se a última frase do site estava de acordo — *Dizem que o bom*

carreiro não usa o ferro, só o barulho da argolas — e ele comentou:

— Quando o boi é novo no carro, primeiro a gente tem que tilintar as argolas e ferroar logo de seguida. Depois da segunda, da terceira ou da quarta, só o tilintar resolve. Se não ferroar na primeira não adianta tilintar. Se tilintar e o boi não obedecer tem que ferroar. Se tilintar e o boi obedecer não carece ferroar e é bom porque evita bicheira.

Aqui, não se trata de medir secreções internas do boi, — que certamente ocorrem, segundo o modelo pavloviano —, mas os comportamentos operantes de virar, parar ou andar, conforme a definição de Skinner, em 1938, no seu *O Comportamento dos Organismos*⁴. O tilintar das argolas torna-se *estímulo discriminativo* para um *comportamento de fuga ou esquiva*, isto é, o boi vira, para ou anda, escapando de ou evitando uma ferroada consequente. É claro que o boi não entende como está no site. Boi que fala e entende só o do Guimarães Rosa e de outros fabulistas.

Já citei alhures

http://www.patriamineira.com.br/ver_pdf.php?id_noticia=717&id=3

que o Janjão do Cajuru descobriu a penicilina nos anos 1930 e não ganhou o Prêmio Nobel, assim como algum carreiro descobriu que tilintando as argolas e ferroando o boi conseguem-se os movimentos desejados e também não foi agraciado

⁴ *La Conduita de los Organismos*; traducido por Luis Flaquer. Barcelona: Fotanella, 1975.

com prêmio algum (a não ser conduzir o carro com eficiência) nem entrou para a História.

OYAMA RAMALHO